



# CORES MARÉS

Edição 156 celebra o mês da Visibilidade Trans e Travesti com produções de comunicadores LGBTQIAPN+



AFFONSO DALLUA



GABI LINO

**Alegria, afeto e política como estratégias para empoderar mulheres LGBTQIAPN+ - PÁGINA 12.**



AFFONSO DALLUA

**A vida de resiliência e esperança de Beatriz Taxa, uma mulher trans na terceira idade.- PÁGINAS 4 E 5.**



GABI LINO

**Profissionais LGBTQIAPN+ e suas carreiras na área da beleza. - PÁGINA 8.**

**O MERCADO LGBTQIAP+ NAS FAVELAS | POTENCIAL ECONÔMICO É SUBAPROVEITADO DEVIDO A FALTA DE DADOS AO RACISMO - PÁGINAS 6 E 7.**

**EMPREGO, DIVERSÃO E ARTE | DESAFIOS NAS TRAJETÓRIAS DE ARTISTAS INDEPENDENTES E LGBTQIAPN+. - PÁGINAS 10 E 11.**

# EDITORIAL

A edição de janeiro de 2024 do Maré de Notícias é resultado do projeto Cores Marés: a cara da população LGBTQIA+ do maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro. O projeto foi a primeira edição de um processo de formação e construção de narrativas com jornalistas e comunicadores LGBTQIAPN+ da Maré, apoiado pelo Fundo Positivo.

Começar o ano a partir desse projeto é muito significativo porque, para nós, a Maré é diversidade, movimento, invenção, criatividade e produção.

O Censo Maré, realizado em 2013, infelizmente não produziu dados qualificados sobre gênero e sexualidade dos moradores e sabemos que a impossibilidade da sistematização de informações, retarda a geração de políticas para esses mareenses.

Acreditando no jornalismo comunitário como uma ferramenta de reparação e mudança, confiamos que as oito reportagens presentes nesta edição servirão como ferramenta de visibilização para esses corpos e corpos. "Visibilidade é um direito que dispara outros direitos."

É urgente a garantia de direitos para as pessoas LGBTQIAPN+, especialmente as políticas que garantam e promovam a vida. Contudo, como viver vai muito além de respirar, é também fundamental garantir que as pessoas pautem e produzam narrativas sobre si, seus corpos vivos e abundantes, seus olhares e potências.

Lançamos, então, essa edição especial no mês da Visibilidade Trans e Travesti, mas é um compromisso do Maré de Notícias que estas sejam pautas cotidianas. Queremos garantir cada vez mais um jornalismo diverso em todas as possibilidades de existência e vida.

Gabriel Hortsh, Juliana Neris, Rahzel Alec e Vitor Felix: quatro jovens comunicadores toparam o desafio de trabalhar com a gente e trocaram experiências com nomes como Indianarae Siqueira, Paulo Victor Lino, Wallace Lino, Quita Pinheiro, Camilla Felipe e Aristênio Gomes.

Agradecemos a todas, todos e todes que estiveram nesta primeira edição, em especial aos comunicadores que tornaram esta escrita possível!

## EXPEDIENTE

### REALIZAÇÃO:



R. Sargento Silva Nunes, 1008A  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
www.mareonline.com.br  
maredenoticias@gmail.com  
contato@maredenoticias.com.br

**APOIO:**  
16 Associações de Moradores da Maré

### APOIO:



**EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
Jéssica Pires

**EDITORA**  
Ana Paula Lisboa e Affonso Dalua

**FOTOGRAFIA**  
Affonso Dalua  
Gabi Lino  
José Bismarck  
Luan Citele  
Mêrcéz  
Af Rodrigues  
Patrick Marinho  
Thanis Parajara  
Veri Vg

**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO**

Gabriel Horsth  
Juliana Neris  
Rahzel Alec  
Vitor Felix  
Wallace Lino

### REVISÃO

Rodrigo Dutra

**PROJETO GRÁFICO**  
Affonso Dalua

**DIAGRAMAÇÃO**  
Affonso Dalua

**IMPRESSÃO**  
Gráfica Tribuna

**TIRAGEM**  
10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.



## PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Tarefa difícil para o tagarela que ouve uma confidência	1	Texto típico de Manuel Bandeira	Contrário aos bons costumes	Jogo com bolinhas Parte de um filme	2	Relação (de nomes)	Inscrições de portas em locais restritos	Apelo enviado pelo navio em perigo
Pequenos pingos								
Hiato de "sueca"	2	3	4	5	6	7	8	10
Trabalhadores rurais	7	11	Doutor (bras.) Ladrão dos mares	12	11	13	5	6
	6	9	12	1	3	14	11	10
	4	15	9	5	15	9	Grito de louvor ao maestro	As divisões de resto zero (Mat.)
Delator (gíria)	13	She-(?), a irmã do He-Man (TV)	15	9	Local de lançamento de foguetes	16	9	10
Agitar; fazer tremer	9	16	9	8	9	15	Letra final do verbo no infinitivo	X
Camada exterior de um fruto (pl.)	15	Objeto para sinalizar no trânsito	4	Lasca de madeira Cura-se de doença	F	9	15	1
	6	9	10	6	Basta; chega (interj.)	17	Rato, em inglês Ã (?): ao alcance	15
Não tem conhecimento de	11	3	Parte da molécula (pl.) É coberto pelo xale	9	4	3	12	3
	5	2	14	3	15	9	Direção; caminho	Ã
	6	15	11	12	9	Roupão (pl.) Fixador de cabelo	15	3
Queima (cadáver)	11	Criatura de outro planeta (abrev.)	16	O plano alternativo	2	3	Ingrid Guimarães, atriz	5
O queijo no misto- quente	13	11	15	15	11	4	5	13
Direito do eleitor	17	3	4	3	Local onde nadam os patos	8	9	2
								3
								9

16

**SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA**

#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

**Solução**

V	O	G	V	T	O	L	O	A
O	D	I	J	E	R	R	E	D
C	I	O	G	B	E	E		
S	B	O	V	A	M	E	C	
I	V	V	R	O	N	G	I	
S	O	M	O	I	V	O	E	
T	R	V	A	S	V	C	S	V
A	V	F	A	T	R			
X	O	R	T	A	V	A		
E	S	V	A	B	V	A	D	
S	I	V	R	I	V	I		
S	E	S	E	N	O	M	V	C
O	C	I	D	E	M	E	N	
S	V	T	N	C	I	T	O	G

**SIGA O CANAL "MARÉ DE NOTÍCIAS" NO WHATSAPP**

**FALE CONOSCO:**  
Email: maredenoticias@redesdamare.org.br  
Whatsapp: +55 21 97271-9410

**REDES SOCIAIS:**  
Twitter: @maredenoticias  
Instagram: @maredenoticias  
Facebook: fb.com/maredenoticias

**REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS**  
Rua Sargento Silva Nunes, 1008A  
Nova Holanda – Maré  
Telefone: +55 (21) 3104-3276

# UMA TRAVESTI DO MEU PORTE

Kastellanny desafia preconceitos e supera desafios por meio da expressão artística

GABRIEL HORSTH

**K**astellanny Silva é uma força mareense que não apenas resiste, mas diva em sua jornada pela vida, afirmando com confiança: “o mundo ainda vai conhecer meu nome”. Performer, ela leva diversidade por onde passa, mas, quem a vê exibir autoestima, pode não imaginar os desafios enfrentados desde cedo.

“Eu renasci aos 14 anos, quando decidi abraçar minha identidade”, conta a jovem sobre o processo de transição de gênero. Na escola, ela fazia do pátio seu palco, mostrando ao mundo sua autenticidade.

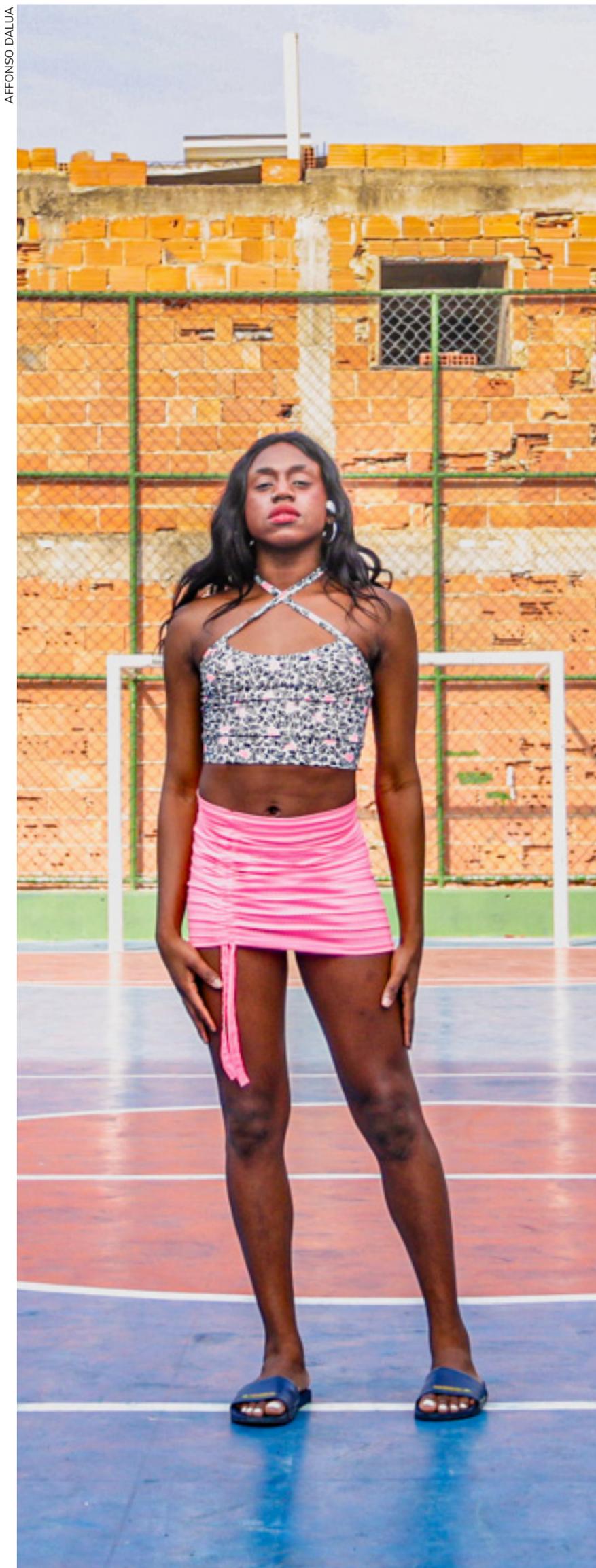
## ESCOLA DESPREPARADA

Mas foi na escola também que a artista enfrentou os primeiros olhares tortos e comentários maldosos. A transfobia, o preconceito, o racismo e o *bullying* (importunação, assédio, violência, agressão, perseguições verbais, emocionais, psicológicas, mentais ou físicas) estiveram presentes nas escolas de ensino fundamental e médio nas quais passou.

Felizmente, Kastellanny tinha o apoio incondicional da mãe, Ana Maria Silva. “Minha mãe me defendeu como uma guerreira e não deixou barato, ela não aceitou o desrespeito e foi pra cima”, relembra.

Casos como o de Kastellanny não são raros. A pesquisa *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro*, realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+, revelou que 77,5% de crianças transgêneros sofrem transfobia na escola.

O despreparo das escolas para lidar com a diversidade é um problema sério e antigo. Para enfrentar essa questão, a Aliança LGBTI+ e a rede de ativismo Gay La-



AFFONSO DALUVA

tino lançaram o *Manual de Educação LGBTI+*.

Segundo a publicação, “Este Manual destina-se ao uso por profissionais de educação no Ensino Fundamental - Anos Finais (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio. Foi concebido para contribuir com a diminuição do estigma, *bullying*, preconceito, discriminação, violência e evasão escolar que estudantes LGBTI+ nessa faixa etária geralmente podem sofrer no meio educacional.”

Kastellanny e a mãe enfrentaram a situação de frente, expondo o que chamaram de “lixo de direção” e conseguiram o afastamento do antigo diretor da escola, acusado de discriminação.

Mesmo com determinação, os diversos casos de agressão afetaram sua permanência na escola e hoje ela ainda luta para concluir o ensino médio. Disposta a mudar este cenário, ela afirma: “eu devo isso a mim mesma”.

## ARTE QUE SALVA

Kastellanny conta que as conversas com travestis e transexuais mais velhas ajudam a abraçar sua verdadeira identidade, mas foi na arte que ela encontrou uma maneira de se expressar e superar barreiras ainda maiores. Expressando-se em seu canal no YouTube (@akastel), ela realiza performances inspiradas em artistas como Iza, Gloria Groove e Anitta, e demonstra habilidades para dirigir, dançar e editar seus próprios vídeos. No palco, seu corpo dança ao ritmo de uma vida repleta de reviravoltas.

Kastellanny, uma jovem cheia de desejos e que faz acontecer. Ela revela seus planos para 2024, que inclui o seu lançamento como intérprete. Enquanto aguardamos ansiosamente os próximos passos dessa musa, nos resta acompanhá-la no Instagram (@kastellanny) e torcer pela realização dos sonhos que ela mesma constrói.

# PELO DIREITO AO ENVELHECIMENTO

A vida de resiliência e esperança de Beatriz Taxa, uma mulher trans na terceira idade

AFFONSO DALUIA



GABRIEL HORSTH

No coração da Maré, entre vielas vibrantes e ruas movimentadas, histórias se entrelaçam pela resistência à vida. **Beatriz Taxa**, conhecida como Bia, mulher trans de 67 anos, moradora do Parque União, carrega consigo uma jornada de vida que se tornou símbolo de resiliência e esperança para pessoas trans na terceira idade.

Quantas pessoas como Bia você conhece? Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina de Botucatu, em 2020, apontou que apenas 1,9% da população brasileira é composta de pessoas trans. Muitos acreditam, porém, que esse número esteja subestimado, invisibilizando a realidade dessa comunidade, uma vez que os órgãos governamentais não incluem adequadamente esse contingente em suas diretrizes.

Às vésperas do Dia Nacional da Visibilidade Trans, celebrado em 29 de janeiro,

ro, pessoas trans e travestis ainda enfrentam consideráveis obstáculos para acessar serviços básicos de saúde. A história de Beatriz é um testemunho da determinação e da coragem que muitas pessoas trans mais velhas enfrentam em suas trajetórias. Ela nos lembra que, apesar das adversidades, podemos encontrar luz e esperança na vida, ressaltando a importância do cuidado constante com a saúde.

Contudo, a realidade é que, para muitas pessoas trans no Brasil, atingir a terceira idade é um feito ainda distante, necessitando, assim, de valorização e reflexão sobre os caminhos para alcançá-la.

## IDENTIDADE E EMPREGO

A jornada de autoafirmação e trabalho de Beatriz foi repleta de desafios, mas ela nunca desistiu. Seu esforço árduo não só garantiu sua sobrevivência, como também sua independência, algo raramente alcançado

por mulheres trans de sua época. “Sempre trabalhei. Trabalhei 9 anos em uma empresa como cozinheira, mas antes fui obrigada a ser barman. Trabalhei 3 anos como cabeleireira e ainda fui auxiliar de mecânica por obrigação do meu pai”, compartilha Bia.

Ao migrar do Maranhão para o Rio de Janeiro, encontrou emprego em uma alfaiataria. Posteriormente, numa empresa petrolífera, onde trabalhou por 11 anos como auxiliar de serviços gerais, embora a empresa tenha resistido a sua identidade de gênero. “Eu ia pintosa assim mesmo, tiveram que me aceitar”.

Essa luta para afirmar a identidade de gênero é uma realidade comum para pessoas trans em toda sociedade, começando em casa e se estendendo ao mercado de trabalho.

## NOVOS COMEÇOS

“Em 1992, minha vida mudou completamente. Morei 15 anos com um rapaz

que no fim me abandonou”, conta Bia. Apesar das dificuldades, ela seguiu em frente, mudando-se para diferentes lugares e desafiando estereótipos para afirmar sua existência.

Beatriz, no entanto, enfrentou problemas não apenas de saúde, mas também batalhas legais. Recebeu uma indenização do Estado por negligência hospitalar, mas seu advogado desapareceu com o dinheiro, deixando-a com uma valiosa lição sobre a importância de buscar justiça. Na época, com poucos recursos, não conseguiu rastrear o golpista. O acúmulo de desafios acabou afetando sua saúde mental.

## DESPREPARO

Ao acessar o SUS, Beatriz encontrou desafios consideráveis. Ela relata sua insatisfação com o atendimento em uma unidade de saúde do território, uma realidade comum para muitas pessoas LGBTQIAPN+ que procuram atendimento médico.

Apesar disso, Beatriz persistiu em buscar o auxílio necessário, incluindo apoio psicoterapêutico e medicação.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a saúde é um direito de todos os brasileiros, com o Estado sendo responsável por garantir esse direito de forma justa e igualitária. A Política Nacional de Saúde Integral LGBT busca assegurar que a comunidade tenha acesso a todos os serviços de saúde oferecidos pelo SUS, além de atender suas demandas específicas. A prática, porém, muitas vezes não corresponde às normativas, com profissionais de saúde deixando a desejar na prestação de atendimento sem discriminação.

Beatriz relembra um episódio transfóbico vivido durante um atendimento no SUS. Em um hospital público, foi submetida a um tempo de espera excessivo, sendo a última a ser atendida, mesmo tendo chegado antes de outros pacientes. Foi, inclusive, escoltada por um segurança até a sala da médica.

“A doutora achou que eu seria agressiva, mas eu não sou assim. Ela me tratou com um desprezo tão grande”, relata Bia, que buscou orientação do enfermeiro-chefe do hospital, mas optou por não denunciar o caso para continuar tendo acesso ao atendimento.

Infelizmente, essa situação é apenas um exemplo do tratamento discriminatório enfrentado por muitas pessoas trans nos serviços de saúde pública. O direito ao nome social, por exemplo, conquistado como um avanço para essa comunidade, nem sempre é respeitado nos registros de atendimento.

A psicóloga do Grupo Conexão G, **Larissa Silva da Conceição**, destaca a necessidade de compreensão sobre a heterocisnormatividade compulsória, que fundamenta o atendimento à saúde no Brasil. Esse modelo social tende a marginalizar o que foge da norma estabelecida, tornando essencial o apoio às pessoas da comunidade LGB-

AFFONSO DALUIA



Beatriz é exceção em um país em que a média de expectativa de vida de uma pessoa trans é de 35 anos

TQIAPN+ no enfrentamento das opressões diárias.

A profissional, que acompanha projetos da instituição focados na promoção do respeito à diversidade e formação de profissionais, traz algumas recomendações importantes para apoiar pessoas da comunidade.

“Primeiramente, é importante respeitar a singularidade do processo de cada pessoa. Devemos oferecer apoio para o enfrentamento das opressões de modo que ela não se sinta sozinha, reconhecer que ao viver o processo pode haver contradições, e acolhê-las. Podemos fazer um mapeamento das redes afetivas e de cuidado e desenvolver uma identidade positiva que promova orgulho” diz Larissa.

AFFONSO DALUIA



Bia conta que foi nas performances musicais onde encontrou vitalidade e esperança para viver o presente

### REFÚGIO E VITALIDADE

Beatriz encontra alento em sua paixão pela arte. “Amo meu trabalho com a arte, é babado forte, a música é meu amor eterno. Adorava performar na favela”, recorda Bia sobre os shows de drags nas décadas de 1970 e 1980, revelando a paixão que a mantém vibrante. Ela guarda com carinho as lembranças da vida noturna, como a imagem de uma mulher jovem em um porta-retratos, ostentando uma peruca deslumbrante e trajes exuberantes. Bia mostrava a sua verdade enquanto dublava, mesmo em uma época marcada por desafios e preconceitos, ela celebrava sua própria identidade.

No Brasil, a expectativa de vida média das pessoas trans é de aproximada-

mente 35 anos. Esse número alarmante evidencia a necessidade de valorizar e garantir condições dignas de vida para essa comunidade. Beatriz Taxa representa uma exceção em uma realidade cruelmente desfavorável para pessoas trans mais velhas.

Seu relato ressoa como um chamado à reflexão sobre as políticas públicas, a garantia de direitos e o respeito à dignidade humana para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

“Eu vivo o hoje, sabe. Eu sei que tem o amanhã, mas procuro viver o máximo hoje”, diz Bia, destacando sua filosofia de vida, que a mantém resiliente e positiva diante das dificuldades.



## O MERCADO LGBTQIAP+ NAS FAVELAS

Potencial econômico é subaproveitado devido a falta de dados

JULIANA NERIS

Por que optar por uma marca que não reconhece sua identidade? O *pink money*, expressão utilizada para descrever o poder de compra da comunidade LGBTQIAPN+, tem se tornado alvo das estratégias comerciais de empresas em busca de lucro por meio da inclusão. No entanto, é importante perguntar: por que essas marcas estão tão distantes dos territórios das favelas?

### MAIOR RENDA

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, o Brasil contava com uma população de 2,9 milhões de pessoas com 18 anos ou mais que se auto-declaravam gays, lésbicas ou bissexuais. Essa pesquisa revelou outro dado importante: enquanto a renda per capita brasileira alcançava aproximadamente R\$ 1.500,00 mensais, nos lares homoafetivos, essa média saltava para R\$ 3.500,00.

O diferencial de renda maior e estruturas familiares menores, proporcionam aos casais homoafetivos um consumo diferenciado. Estudos indicam que não apenas os casais, mas todo o público LGBTQIAPN+ consome mais produtos de luxo, artigos de design, moda e realiza viagens quatro ve-

zes mais do que a média da população brasileira.

Essa população também tende a gastar mais com cultura, arte, lazer, entretenimento e vida noturna. Suas escolhas de locais, porém, são influenciada pela seleção de espaços respeitosos, acolhedores e livres de qualquer tipo de opressões.

É nesse contexto que muitas empresas miram no *pink money*, desenvolvendo produtos e serviços direcionados especificamente para esse público. No entanto, apesar das projeções indicarem que o mercado LGBTQIAPN+ no Brasil movimentaria cerca de 300 bilhões de reais, há uma carência significativa de dados sobre os LGBTQIAPN+ que residem e consomem nas favelas.

### DIVERSIDADE FAVELADA

Conhecida como um reduto diversificado para a comunidade LGBTQIAPN+, a Maré não é apenas um espaço habitado por pessoas diversas, mas também abriga uma cultura vibrante, repleta de suas próprias demandas e características singulares. Além disso, o conjunto se destaca como palco de eventos significativos para a comunidade, incluindo paradas LGBTQs, bares exclusivos e a icônica Noite das Estrelas.

O Noite das Estrelas foi uma série de shows ocorridos na Maré durante as décadas de 1980 e 1990. Esses eventos eram protagonizados por um elenco formado por mulheres trans, cis, lésbicas, travestis e homens cis gays. Inicialmente realizadas em lajes, festas em casas e encontros informais da comunidade, essas apresentações ganharam destaque e tomaram as ruas da Maré, tornando-se símbolos icônicos da região.

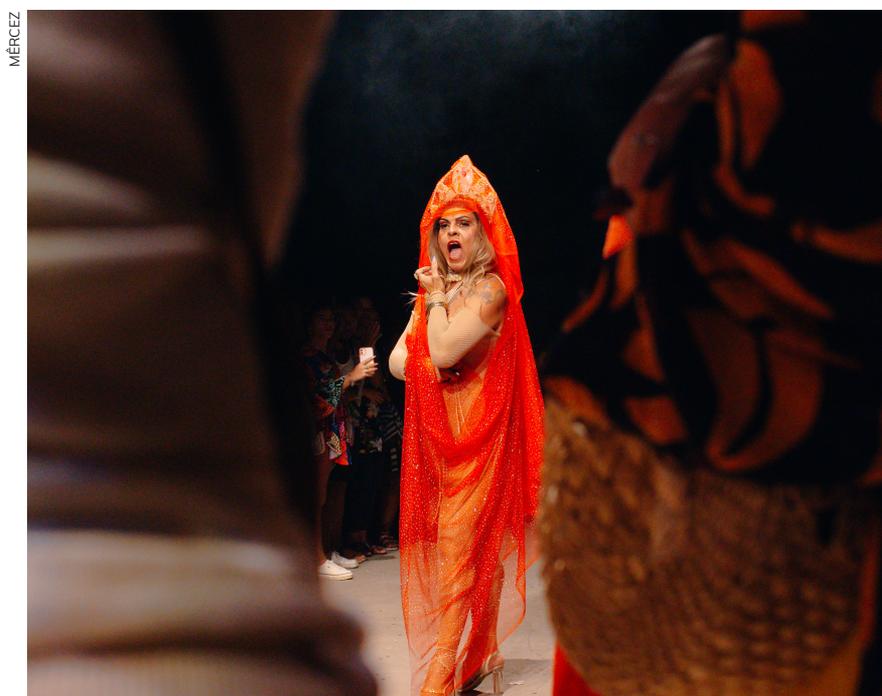
Durante os domingos de junho e julho de 2023, a Nova Holanda foi agitada pela Ocupação Noite das Estrelas, revivendo e homenageando o antigo espetáculo. Esse evento foi idealizado por Wallace

Lino, diretor, ator, roteirista, dramaturgo, pesquisador e fundador do Entidade Maré, em colaboração com seu irmão Paulo Victor Lino.

O Entidade Maré foi criado em 2020, reunindo artistas LGBTQIAPN+ da Maré, com o propósito de preservar a memória cultural dessa comunidade no território e na cidade. O projeto é um esforço colaborativo, que envolve diversos artistas e técnicos em cada uma de suas ações.

Perguntado sobre o que ele acha do *pink money*, Wallace diz que o discurso não acompanha a prática.

“É o discurso de um país que tem toda a sua economia e toda sua gestão geopolítica voltada a um siste-



Diversidade é uma das marcas das favelas da Maré e gera renda para os moradores

PATRICK MARINHO



Boteco Tô Chegando, na Vila dos Pinheiros, é um dos bares da diversidade do território

ma escravocrata e quando a gente vai ver o desdobramento, ele não está desassociado da criação de ficções. Na colonização existia uma ficção e que era sustentada a partir da ideia que negros eram inferiores a brancos. E quando a gente transfere para a ideia do pink money, é justamente uma ficção plantada de que existe uma absorção da pauta, da existência e das narrativas LGBTs. O pink money não fala pela economia que é gerada pelas LGBTs pretas.”

Ainda sobre a ausência de marcas na Maré e o afastamento do público LGBTQIAPN+ favelado o diretor considera que se trata mais uma vez da influência do racismo, já que que “a ausência reafirma que aqui é um lugar perigoso e que os corpos daqui, não são corpos para serem estampados para fora dos noticiários policiais.”

Apesar do sucesso da Ocupação Noite das Estrelas, o diretor conta que tem dificuldade para remontar o espetáculo em outros espaços e conseguir financiamento.

“A gente já se inscreveu em 9 editais e não ganhamos nenhum. O que nós recebemos até agora foram propostas de participações em festivais e participamos de todos que fomos convidados. Tudo que foi fora da favela, a gente foi convidado, porém nunca ninguém

teve dinheiro para pagar um dia de apresentação com o elenco inteiro, por exemplo.”

**FAVELA CONSUMIDORA**

Segundo um estudo da Outdoor Social, no Brasil existem aproximadamente 6.329 favelas, com uma população de 11,3 milhões de habitantes e uma renda média familiar de R\$ 3.000,00, que consomem cerca de R\$ 167 bilhões anualmente.

Nas 16 favelas que compõem a Maré, habitadas por mais de 140 mil pessoas, cerca de 3 mil empreendimentos sustentam a economia local. Essas iniciativas são responsáveis pela criação de mais de 9.000 postos de trabalho para residentes locais e de outras regiões,

como revelado pelo Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré (2019). No entanto, é essencial apontar que entre esses dados coletados não fazem recorte à comunidade LGBTQIAPN+.

Esta lacuna nos dados evidencia a invisibilidade persistente das narrativas e empreendimentos LGBTQIAPN+, levantando questões sobre a ausência de políticas de apoio voltadas não apenas para a vida, mas também para o sustento dessa comunidade, que muitas vezes enxergam no empreendedorismo sua principal alternativa de sobrevivência.

**PERDA DE OPORTUNIDADES**

Entre consumo, mobilida-

de e status social, onde o lema “compro, logo existo” ecoa especialmente entre os mais jovens, é importante reexaminar e redefinir paradigmas estabelecidos. Surge uma contradição marcante quando estratégias comerciais exploram a identidade LGBTQIAPN+ sem um compromisso genuíno com a igualdade e a diversidade territorial.

É nesse embate que se revela a lacuna entre empresas interessadas apenas em lucrar e aquelas verdadeiramente engajadas na promoção da inclusão e respeito. Ao falharem nesse engajamento autêntico, essas empresas perdem não somente a oportunidade de se conectar com a comunidade LGBTQIAPN+, mas também deixam escapar a oportunidade de compreender o que essa comunidade tem de mais valioso a oferecer.

Para além da equidade e do respeito, o conjunto de favelas da Maré é um caldeirão borbulhante de criatividade, genialidade, economia criativa, cultura popular, inovação, tecnologia, memória, juventude, afeto e acolhimento. É preciso apostar na favela, mais especificamente na cultura LGBTQIAPN+ favelada.

AF RODRIGUES



A Ocupação Noite das Estrelas reuniu centenas de moradores nas ruas da Maré em junho e julho de 2023

# BELEZA QUE PÕE MESA

## Profissionais LGBTQIAPN+ e suas carreiras na área da beleza

VITOR FELIX

A falta de oportunidade e o preconceito ainda são barreiras enfrentadas pela população LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho e muitos precisam empreender para conseguir romper barreiras. Na contramão, estima-se que o mercado da beleza absorve de 30 a 40% desses profissionais. Muitas vezes, é nos salões de beleza que essa população encontra cidadania e sustento por meio do trabalho.

Segundo o Censo de Empreendimentos Maré (2019) os negócios ligados à beleza e estética ocupam o segundo lugar entre os empreendimentos locais, 10,4%, perdendo apenas para o número de bares no território. Ainda que os números não reflitam a orientação sexual e a identidade de gênero dos empreendedores (o recorte é feito apenas de homens e mulheres cisgênero), é possível encontrar no histórico da Maré profissionais LGBTQIAPN+ conhecidos pelos anos de trabalho nos salões de beleza.

### APRENDIZADO

**Tiago Dantas** é alagoano, morador da Vila dos Pinheiros e conhecido nas redes sociais como Tiago Jujubinha (@tiagojujubinha). Aos 36 anos, ele realizou uma importante conquista profissional: abrir seu primeiro salão de beleza, que fica localizado na Avenida do Canal, nº 80, Vila dos Pinheiros.

O interesse pelo setor veio desde a adolescência, quando Tiago era bailarino: “com a dança, eu conheci o mundo da maquiagem e parece que uma coisa puxou a outra.”

Em 2009, ele teve sua primeira experiência de trabalho em um salão de beleza, ocupando cargos de recepcionista e auxiliar de limpeza. Um dia, tomou coragem para expor que queria comandar as cadeiras do es-



ACERVO PESSOAL

Jujubinha conquista seguidores e clientes exibindo o trabalho nas redes sociais

tabelecimento: “Eu disse, ‘eu sei escovar, sei fazer sobrancelha.’” O empenho, a curiosidade e as práticas iniciais fizeram com que ele descobrisse o talento para a profissão.

“Eu comecei a trabalhar com cabelo em 2010 e passei um ano treinando. Era assim: eu fazia o cabelo da dona do salão, fazia o cabelo da filha dela, maquiava as duas, as vizinhas e sempre tentando aprender cada vez mais”, contou.

Jujubinha investiu em qualificação na área de beleza, chegando a dedicar mais de 14 horas por dia aos estudos e às práticas. O esforço valeu a pena e, hoje, seus mais de 12 mil seguidores acompanham dicas de maquiagem e os resultados dos cabelos que ele exhibe orgulhoso em publica-

ções no seu perfil.

### RESPEITO

Na trajetória profissional, Tiago diz que o preconceito apareceu em diversos momentos, com falas homofóbicas e racistas, especialmente quando usava maquiagem. Diante dessas situações, ele conta que sempre exigiu respeito, mas que este foi um dos motivos que o levou a abrir seu próprio negócio. O profissional percebeu que era o momento de pôr em prática seus projetos, da maneira como ele mesmo acreditava.

Em 13 anos de carreira como cabeleireiro e maquiador, Jujubinha diz que a clientela na Maré se tornou muito diversificada, apesar do público-alvo ser mulheres. Hoje, com toda a experiência que tem, ele já ministrou aulas em São Paulo e

Minas Gerais.

“A maquiagem me leva a lugares que eu nunca imaginei estar”.

### A BRABA NA BARBA

No Parque União, a barbeira **Rosa Maria**, 26 anos, começou trabalhando como designer de sobrancelhas e logo descobriu as habilidades para trabalhar com o mundo da beleza.

“Eu cheguei a fazer um curso no nível iniciante, o que me deu uma base, mas a prática eu peguei com o tempo”, conta.

Já são seis anos na profissão de barbeira, trabalhando em diversas barberias do território e hoje ela atende os clientes em sua casa, e no fim do ano passado abriu as portas do “Afro Barber”, seu novo salão na rua Ari Leão, nº 117, no Parque União, onde trabalha atualmente. Segundo Rosa, o boca a boca e as redes sociais são os que mais ajudam na divulgação do seu trabalho.

“Na profissão que eu exerço não temos salário fixo, então a gente fica à disposição do público. Durante os fins de semana é quando eu trabalho mais. Eu vejo a Maré como um território onde posso trabalhar com tranquilidade.” Em seu perfil no Instagram (@rosabarber\_oficial) os interessados podem assistir vídeos com os resultados dos cortes de cabelo e design de sobrancelhas feitos por Rosa.

A barbeira comenta que há muita competição na área e percebe que ainda existe pouca união entre os barbeiros.

“Gosto da minha profissão, é uma profissão linda. Quando eu comecei, percebia que as pessoas ainda estranhavam uma mulher barbeira. Mas hoje eu posso dizer para minha sobrinha, que ser barbeira quando crescer, que isso não é uma coisa só para homem.”



GABILINO

Rosa mostra que barbearia não é coisa de homem e trabalha há seis anos na profissão

# PERFORMANCES A CORPA EM MOVIMENTO

AFFONSO DALUA

A Corpa em Movimento é um manifesto imagético com performances e instalações, aprofundando a ideia da corpa LGBTQIAPN+ como ato político de intervenção e resistência nos territórios de favelas e periferias. A pesquisa é um aprofundamento do meu trabalho de foto-performance LGBTQIAPN+ favelada e vem sendo costurada desde 2019, com o Projeto Eeer, o Entidade Maré, até chegar à exposição solo PERFORMANCES.

A ideia é de uma corpa maresia, que se movimenta pelo tempo e coloca a cor-

pa em reflexão sobre os diversos atravessamentos da vida LGBTQIAPN+ hoje. A experiência do olhar de uma sociedade cisheteronormativa, encruada de uma visão seca, como deserto, sem o afeto úmido, molhado pelo mangue de uma Maré de 140 mil mareenses.

Mergulhar nas águas da Maré é mergulhar nas memórias da minha avó, Luiza Maria. Nascida em 1930, ela chega acompanhada do meu avô, Cirilo Moreira, no ano de 1965: retirantes nordestinos que aportam em uma Maré ainda sob as águas.

São as memórias do meu pai, nascido em 15 de setembro de 1967, dentro da palafita, em que a separação entre ele, ainda molhado da barriga de sua mãe, e as águas do mangue, eram as madeiras que cobriam o chão do barraco!

Das mesmas águas que deram vida ao meu pai e a milhares de outros mareenses, nasce hoje PERFORMANCES – A CORPA EM MOVIMENTO.

## CORPA FESTA

Na maioria das experiências LGBTQIAPN+, a família é o primeiro espaço a negar a nossa existência, por isso essas corpas se unem, formando outros laços, outras casas, movimentos de afeto e coletividade que dire-

cionam a pesquisa para as águas que molham o todo.

Esse todo chamamos de Clube das Gatinhas: uma explosão de liberdade, afeto e muita chacota que faz das águas, ruas, becos e vielas de uma Maré em movimento, um lugar seguro para ser resistência.

Acredito que uma corpa sozinha é só um copo vazio no meio do deserto, mas uma corpa em coletivo, é uma Maré.

A CORPA SEGUE SE MOVIMENTANDO

AFFONSO DALUA



AFFONSO DALUA

AFFONSO DALUA

AFFONSO DALUA

# EMPREGO, DIVERSÃO E ARTE

Profissão artista: desafios nas trajetórias de criadores independentes e LGBTQIAPN+

VITOR FELIX

A pesquisa *Marégrafia*, realizada pela Rede da Maré, entrevistou 70 artistas do território e traçou o perfil dos trabalhadores da arte e da cultura. São, em sua maioria, negros, com menos de 30 anos e sem renda individual ou limitada a menos de dois salários mínimos.

A publicação revela ainda que menos de 3% desses artistas conseguem manter as despesas familiares somente com o subsídio dos trabalhos artísticos e precisam de outras fontes para complementar a renda.

## LGBTQIAPN+ARTE

Mais da metade dos entrevistados pela pesquisa se declarou LGBTQIAPN+, o que adiciona mais uma camada aos desafios já apresentados. Se a arte é meio de expressão e de diálogo com o público, muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam dificuldades nesses diálogos. Apesar disso, esses artistas constroem seus trabalhos com qualidade, rompem as barreiras do cotidiano e expõem suas criações

muitas vezes em formatos alternativos, com olhos abertos para a realidade a sua volta.

Produtores, cantores, musicistas, atores, DJs, dançarinos, escritores, artistas visuais, técnicos de som e luz, há uma grande variedade de profissões no campo das artes em que os trabalhadores sobrevivem por meio de muitas estratégias, com pouca ou nenhuma garantia.

O cenário da pandemia escancarou ainda mais esses obstáculos, e nas favelas a dificuldade é ainda maior, já que muitas festas e manifestações culturais (como os bailes funk) são constantemente criminalizadas e não recebem apoio.

## INDEPENDÊNCIA

Profissionais independentes são aqueles que contam apenas com seus próprios recursos ou não estão vinculados a grandes gravadoras, galerias, editoras, empresas ou selos. A independência traz, sem dúvida, a sensação de liberdade criativa, mas pode estar ligada também à inseguran-

ça e à incerteza.

O cenário da empregabilidade no Brasil revela a imensa parcela de pessoas sem trabalhos formais, que dedicam sua força de trabalho em serviços e novas modalidades autônomas. Nesse grande universo de brasileiros e brasileiras na luta para manter as contas em dia, os artistas conhecem bem o cenário e não é de hoje. Para os profissionais das artes e trabalhadores da cultura, a formalização do trabalho é um desafio antigo.

## PROFISSÃO ARTISTA

Élme Peres, de 23 anos, é um dos personagens que desafia este cenário. Cria da Vila dos Pinheiros, ele é ator, cantor, compositor, MC, poeta slammer, percussionista e “o que mais a arte propor”, como ele mesmo se definiu.

Começou a trabalhar na arte em projetos do território, como o Percussão Maré e o Entre Lugares, onde se formou em música e teatro.

Com o tempo, a paixão pela arte só aumentou, ele formou uma banda com outros artistas musicais mare-

enses e atuou em diversas peças teatrais até criar o Coletivo Afro Maré, com outros atores e atrizes.

**Maré de Notícias: Como você percebe a juventude na Maré que decide trabalhar com arte?**

**Élme Peres:** Acho muito interessante essa galera que cresceu junto comigo e decidiu fazer da arte seu meio de sobrevivência, mesmo não sendo fácil, ainda mais para nossos corpos favelados. Entendo que é uma forma de expressar tudo o que a gente passou na nossa infância, na adolescência, as injustiças da sociedade e do sistema. A arte é um canal por meio do qual podemos nos expressar. Conheço artistas de várias favelas aqui da Maré e vários têm essa pegada.

**MN: Para você, o trabalho de um artista independente é entendido como uma profissão?**

**ÊP:** Eu sou autodidata em todas as áreas artísticas

que pratico. Muitas empresas e instituições da sociedade, em geral, não credibilizam a arte de pessoas com formações parecidas com a minha. Para mim, a favela em si é uma forma de academia intelectual. E mesmo pessoas que têm diploma acadêmico são descredibilizadas em vários espaços porque são faveladas.

**MN: É possível hoje em dia viver apenas de arte?**

**ÊP:** Na minha vivência, eu preciso recorrer a um plano B para me manter, porque aqui na Maré somos muitos/muitas/muites e, por mais que haja projetos para artistas, eles não abrangem todo mundo. Muitas vezes precisamos abdicar de um trabalho artístico para realizar outro que vai gerar renda. Então é uma luta constante, até chegar um dia que poderemos dizer “eu vivo só da arte”.

**MN: Como é ser um artista LGBTQIAPN+ e favelado?**

**ÊP:** Na minha adolescência eu fui me empoderando como uma pessoa preta

e, junto disso, me entendi como uma pessoa não-binária. É mais uma camada, não só para a minha arte, mas também da vida. Muitas vezes é necessário falar sobre isso para que eu seja respeitado dentro da minha identidade de gênero. A gente pode festejar, mas sempre que houver oportunidade de falar sobre esse ponto de vista, das pessoas LGBTQIAPN+, é necessário dialogar. Por mais que seja chato explicar isso em 2024, se a gente não explicar e dialogar sobre isso, como as pessoas não vão entender?

**MN: Você entende a arte com uma função didática?**

**ÊP:** Sim, eu vejo a arte também como uma forma de educação. Nas minhas poesias transmito uma mensagem, então é uma forma de fazer o público entender muitos assuntos.

**MN: O que você projeta para o futuro?**

**ÊP:** Na Maré há muitos projetos para pessoas pretas, para mulheres, para pessoas LGBTQIAPN+, então esses vínculos precisam



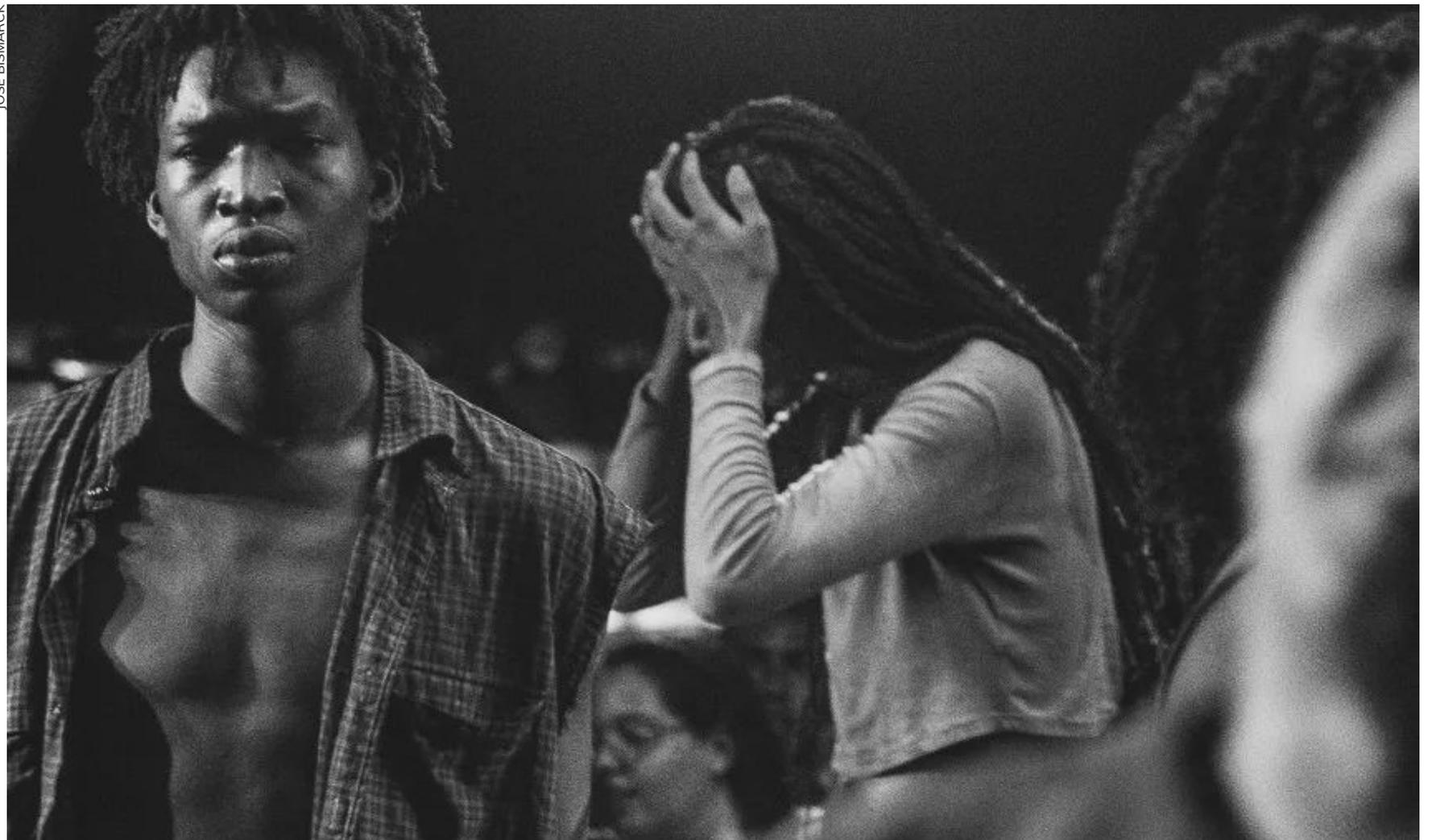
Pesquisa Marégrafia revelou que maioria dos artistas da Maré tem menos de 30 anos

estar mais próximos, para cada vez crescerem mais. É importante que a gente comece a se ver mais como uma coisa só, independentemente da localização. Quanto mais unidos os coletivos estiverem, isso vai elevar mais a voz de todo mundo.

O trabalho de Êlme está disponível em seu perfil no Instagram (@elmeperes) e no perfil do Coletivo Afro Maré (@coletivoafromare). Lá o público pode encontrar suas composições musicais,

poesias e performances das quais ele faz parte.

Para acessar a pesquisa Marégrafia, acesse o QR Code.



Êlme Peres é pessoa não binária, cria da Vila dos Pinheiros, ator, cantor, compositor, MC, poeta slammer, percussionista e “o que mais a arte propor”

# TECENDO RESISTÊNCIAS

Alegria, afeto e política como estratégias para empoderar mulheres LGBTQIAPN+

GABI LINO



Para a coletiva Casa Resistência da Maré, falar de violência antes de falar do amor, seria injusto

## JULIANA NERIS

Indo na contramão das narrativas que não apuram a vivência das pessoas LGBTQIAPN+ e trazendo o conceito de escrevivência da escritora Conceição Evaristo como referência, precisamos falar da resistência da comunidade que se expressa dentro e fora do conjunto de favelas da Maré.

## LESBOCÍDIO

Apesar da violência não ser o foco, é impossível não falar dela, já que em 2022 o Brasil registrou, em média, duas mortes de pessoas LGBTQIAPN+ a cada três dias.

O dossiê foi realizado pela Associação Acontece LGBTI+, pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), que cobram políticas públicas para diminuição da violência e a produção de dados governamentais.

Quando olhamos para mulheres lésbicas e bissexuais que vivem em favelas e periferias, os dados disponíveis são praticamente inexistentes e a ausência de registros oficiais subestima a gravidade do problema. O dossiê sobre lesbocídio, desenvolvido a partir do

projeto de pesquisa A história que ninguém conta, da pesquisadora Camila Rocha Firmino, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), busca preencher essa lacuna.

Segundo a publicação, 55% dos casos de violência acontecem em lésbicas não-feminilizadas, ou seja, que não se adequam ao padrão de feminilidade que a sociedade impõe às mulheres; e 83% são mortas por homens.

Recentemente, em dezembro de 2023, a notícia do brutal assassinato de Ana Caroline Sousa Câmpelo, uma jovem de 21 anos encontrada morta com sinais de extrema crueldade no Maranhão, provocou indignação na comunidade local.

É a narrativa de morte que busco mudar, sem romantismos, mas sabendo que o amor e o afeto LGBTQIAPN+ é um ato de resistência.

## AFETO E POLÍTICA

Na Maré, surge um espaço revolucionário além dos encontros casuais regados a churrasco e cerveja. Um local onde a alegria não é apenas um sentimento, mas sim a estratégia política principal, abrindo caminho para a cultura, o acolhimento e a defesa dos direitos

das mulheres lésbicas.

**Dayana Gusmão**, uma das fundadoras da Casa Resistências da Maré, destaca a influência crucial do fotógrafo falecido em 2021, Bira Carvalho, em sua jornada pessoal e na formação deste projeto. Em suas palavras, “a alegria é a maior potência da favela.”

A coletiva prioriza diálogos sobre afetos antes de abordar o tema da violência. Para elas, discutir violência sem mencionar o amor seria injusto. A base dessa casa é a alegria, que se abre para todas as mulheres LBT como um espaço seguro.

Em um contexto extremamente patriarcal, em que rivalidades entre mulheres são fomentadas, o estímulo ao amor entre elas desafia a estrutura da sociedade. Assim, o afeto se torna não apenas uma abordagem, mas sim uma vertente polí-

tica, entendendo que qualquer demonstração de afeto pode desencadear violência após experiências traumáticas. A fundadora do coletivo relata que das 39 mulheres acolhidas na Casa, 38 sofreram violência praticada por familiares.

Este refúgio tornou-se um farol para mulheres na favela, criando uma rede de apoio vitalícia. A atenção e cuidado são transmitidos a cada chegada e partida das acolhidas, mantendo a Casa Resistências da Maré comprometida com a missão de promover o afeto como semente, rede e ato político.

**Paloma Marins**, coordenadora de empregabilidade, destaca a confiança como uma das mais significativas demonstrações de afeto. Ela ressalta a importância de cuidado, acompanhamento e a inspiração da vereadora Marielle Franco, lutando não apenas por saúde mental, mas também por espaço e confiança como expressões de afeto.

Para além das soluções racionais, como investimento em políticas públicas, percebe-se a centralidade dos processos subjetivos, em que a sensação de segurança é alcançada na presença de seus pares. Esse projeto transcende barreiras físicas e políticas, erguendo-se como um farol de esperança, no qual o afeto é a ferramenta poderosa que impulsiona a resistência e a transformação social na Maré.

GABI LINO



A confiança como demonstração de afeto e estratégia para a saúde mental



# NOITE DAS ESTRELAS

A vida que deságua pelas ruas do impossível, chega ao prêmio Shell

WALLACE LINO

Abriendo o ano de 2024, saiu a lista do 34º Prêmio Shell de Teatro, um dos principais prêmios do teatro brasileiro. Entre os indicados da categoria Energia que vem da gente está a Ocupação Noite das Estrelas, uma realização do Entidade Maré. Entre as felicidades que envolvem a indicação está o feito impossível que revela um lindo levante que se faz na insistência de homenagear aquelas que deixaram suas digitais na memória da Maré.

Na década de 1980, Ney, uma bixa preta que organizava a festa junina do Rubens Vaz, atende o desejo das suas amigas travestis, que o ajudavam a confeccionar as roupas da quadri-lha, e cede um dia da festa para elas realizarem um show, que acabou sendo um grande sucesso. O Menga bixa, que era pai de santo e ligado ao carnaval, vê show e o batiza como “Noite das Estrelas”, firmando um movimento que durou por mais de 20 anos pelas favelas da Maré, e por outras comunidades e lugares da cena LGBTQIAPN+ do Rio de Janeiro. Esse é o tipo de movimento que tem a rua firmada como cena dos palcos e a performance dos corpos gravados na celebração que arrastava multidões.

Desde 2020, o ano que criamos o Entidade Maré, não medimos esforços para escrever o reflorestamento dessa ancestralidade LGBTQIAPN+ e de outras como Tybyra, Xica Manicongo, que antecedem nossas existências pré e durante a colonialidade na perfuração do esquecimento, das normas de gênero e das infinitas narrativas da morte que recaem sobre esta população. É um levante impossível que se misturam às águas que banharam indígenas, que invadiam as palafitas, que mesmo aterradas correm e se levantam como onda pra bradar uma constelação infinita para afirmar que a Noite das Estrelas está aqui!

Só no ano de 2023 foram 13 apresentações nas ruas, no teatro, no queimado, no futebol, na praça Mauá, no MAM, e mais de 7mil espectadores, mais de 15 instituições parceiras e mais de 50 veículos de imprensa nacionais e internacionais. Entre eles estão Globo, GNT, Bom Dia Favela, The Guardian, Piauí, Reuters. Além disso, duas Moções de Louvor e Reconhecimento da Câmara Municipal do Rio de Janeiro pelas vereadoras Mônica Benício e Mônica Cunha, uma Moção de Louvor e Aplausos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro pela deputada estadual Renata Souza, o Prêmio de Cria Pra Cria –

da Câmara dos vereadores – com a vereadora Mônica Benício, o Prêmio Rubens Barbo, do Neap Fest, o Prêmio de Cria Pra Cria Cultura e Favela 2023, a exibição de filmes e exposição de fotos Vídeos FRINGE, em Paraty, FRINGE maior festival de arte de rua do mundo, na Escócia, o Paraty em Foco, maior festival de fotografia da América Latina, com a escola de Fotografia Popular do Imagens do Povo. Hélio Oiticica com o MIIM, exibição do filme Noite das Estrelas na Conferência de Gênero da Virginia Tech, nos Estados Unidos. Artigos publicados na Revista Amarello, no livro Terra Antologia Afro-Indígena – Piseagrama. Palestra na primeira semana da diversidade produzida pela prefeitura de Magé. Afro presença – Corporeidades da Cena na UFF. Noite das Estrelas na UNB, Afroperformacidade corpo

cidade poéticas das territorialidades, Mesa Narrativas infinitas – festival internacional de cinema Zózimo Bulbul, oficina de produção para LGBTQIAPN+.

Esta é uma Maré que se move como lodo, arrastando dos mangues a força de uma onda que tem sido escrita por muitas mãos, antes das invenções da escrita, do poder, da modernidade, do corpo servir como capital. Antes das diferenças das nossas imagens serem aprisionadas a imagens únicas de viver. Essa é uma vingança contínua que insiste em demarcar que não se pode resgatar a memória que está viva. Essa é a contínua costura de ideias e mundos ao longo dos tempos. Ela habita no dia a dia, nos sonhos, estrelas e arco-íris daquilo que escreve nossas existências no infinito, e agora desagua no Prêmio Shell.



Entidade Maré é o 2º grupo de teatro mareense a ser indicado a Prêmio Shell

# CRIAS TRANS NO ESPORTE

O esporte como ferramenta de inclusão para pessoas trans dentro e fora da favela

ARQUIVO PESSOAL



Marcelo dedica 25 anos a natação e, agora em mar aberto, ele assumiu o compromisso de criar um ambiente mais inclusivo para pessoas trans no esporte

## RAHZEL ALEC

O esporte é uma grande ferramenta de transformação dentro da favela e quem é cria sempre tem uma história para contar sobre amigos, primos e conhecidos que encontraram nas práticas esportivas uma nova possibilidade de futuro, a realização de sonhos e mobilidade social.

Práticas como Queimado das LGBTQIA+, o Futzin dos crias, o rolezinho de bike pela favela e os projetos de artes marciais que estão por toda a Maré são essenciais para a qualidade de vida do favelado e rompem com a ideia de que viver em um conjunto de favelas é apenas sobreviver a violência das incursões policiais. Para pessoas LGBTQIAPN+, as práticas esportivas ainda caminham

ao lado do preconceito, mas por meio da luta pela liberdade de ser quem se é em todos os lugares, nascem também referências no enfrentamento a todo tipo de preconceito, dentro e fora do esporte.

## CRIA E MEDALHISTA

**Marcelo Silva** tem 28 anos, é professor de educação física, cria da Vila dos Pinheiros. Com 25 anos de dedicação ao esporte aquático, sua jornada como nadador começou aos 3 anos, quando teve seu entusiasmo despertado ao conhecer a piscina do Colégio Pedro II. Desde então, Marcelo passou sua infância e adolescência nas águas, fazendo parte de espaços como o Clube Vasco da Gama, em São Cristóvão.

Antes de assumir sua

identidade como homem trans, Marcelo competiu em inúmeros campeonatos de natação, sendo federado pela Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ). Sua trajetória no esporte feminino foi marcada por um crescimento pessoal significativo, embora o temor da transfobia o assombrasse, o que o levou a ponderar sobre assumir sua identidade

“Eu tinha muito medo, porque sabia que se eu transicionasse não iria conseguir nadar, não conseguiria competir”, revela Marcelo.

## MAR ABERTO

Diante das incertezas e do panorama do esporte que ainda é predominantemente constituído por homens cis e heterossexuais, Marcelo, inspirado por outros atletas

transgêneros, decidiu encarar sua verdade. Sua última competição na categoria feminina ocorreu em março de 2020, antes do início da pandemia de Covid-19.

Após o período de isolamento social, Marcelo percebeu suas inquietações em relação à transfobia nas piscinas e buscou alternativas. Foi então que direcionou sua atenção para o nado em águas abertas, explorando as praias da Zona Sul. Essa mudança fez toda a diferença, proporcionando-lhe um ambiente mais acolhedor e permitindo-lhe sentir-se mais à vontade.

## ABRAÇANDO A MUDANÇA

Durante sua pós-graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marcelo identificou o viés pre-

conceituoso relacionado às questões de gênero dentro do curso. Essa percepção o motivou a pesquisar sobre a relação das instituições de ensino com o respeito à identidade de gênero, aplicação do nome social e inclusão de mulheres.

“Os educadores precisam de capacitação para abordar as pessoas trans. O banheiro ainda é uma dificuldade, mesmo sendo uma coisa muito simples, ainda é um tabu. Às vezes nem são os professores, mas é a própria coordenação da escola que não permite que troque o nome do aluno que não é retificado na chamada. Depende do professor querer chamar pelo nome social ou não.”

Hoje, como professor de natação em águas abertas, Marcelo ainda enfrenta desafios diários relacionados ao preconceito. No entanto, isso não o impede de construir uma carreira em que seja respeitado tanto dentro quanto fora da água.

“Estamos na Zona Norte, bem longe da praia. Muitas pessoas daqui da comunidade têm medo ou desconhecimento sobre nadar.

Não é só pular onda e levar caixote. É muito interessante quando eu converso com os meus vizinhos, falo como é o mar, sobre correntes, sobre o vento, digo qual praia é melhor para curtir com as crianças, que não tem ondas grandes. É importante educar sobre o mar”, compartilha o nadador.

### NOVAS CONQUISTAS

Em 2023, Marcelo celebrou uma grande conquista ao competir pela primeira vez na categoria masculina, garantindo o 4º lugar na competição. O compromisso de Marcelo em criar um ambiente mais inclusivo para pessoas trans no esporte continua inspirando outros indivíduos a perseguirem seus sonhos, independentemente das barreiras impostas pelo preconceito de gênero.

### FUTZIN DE RESPEITO

**Bernardo Barbosa** tem 27 anos, nasceu na cidade de Fortaleza, no Ceará, e chegou na Maré junto da sua família aos 15 anos. Foi no CIEP Professor César Pernetta que o jovem



Bernardo é membro do Trans United FC, time de futebol só para pessoas trans se reaproximou do futebol, jogando com os colegas de turma. Bê, como é conhecido, conta que, quando ele era mais novo, seu pai, que fazia parte de um time de futebol em Fortaleza, o impedia de jogar com os meninos.

Ao chegar na Maré, o atleta diz que a favela o abraçou e que passou a enxergar o conjunto de favelas como uma cidade, com acesso a amigos, projetos e várias programações culturais. Ao se aproximar do Futzin dos crias, que acontecia nas quadras da escola, Bernardo compreendeu que o seu espaço também era ali e jogava “de cantinho”. Ainda assim, ele precisaria lidar com o machismo e outros preconceitos reproduzidos pelos colegas da sua idade.

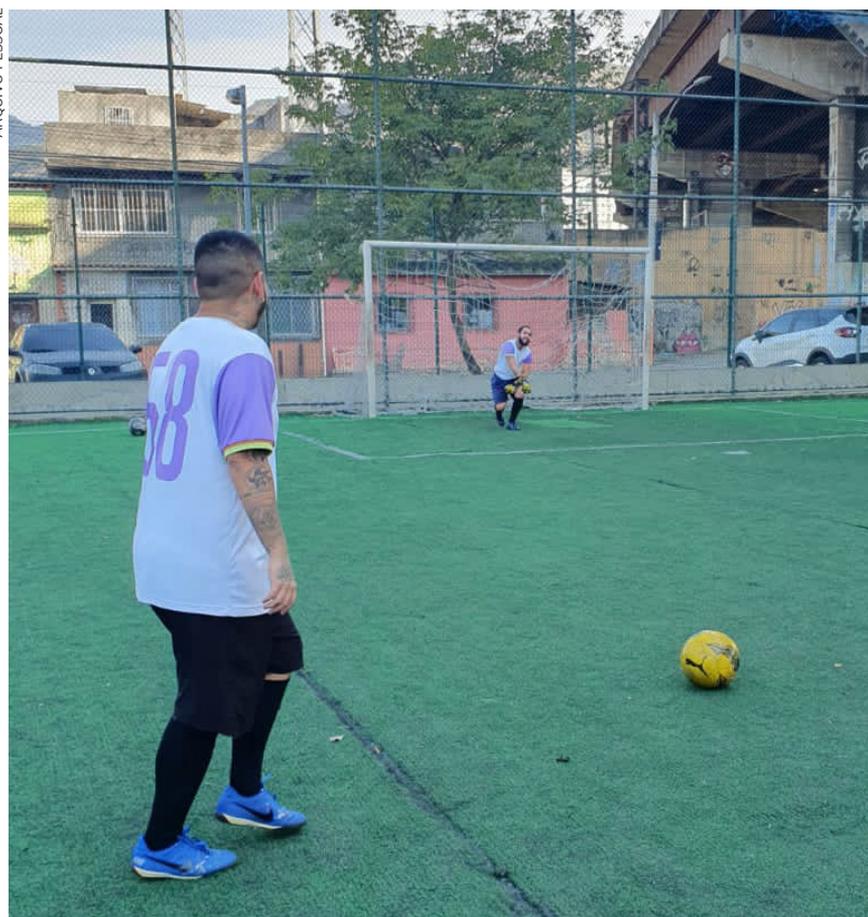
### TIME INCLUSIVO

Ao conhecer o Trans United FC, um time só para pessoas trans, o jovem, que é artista e barman, passou a se dedicar também ao futebol e se reconheceu com outros homens trans que também buscavam seu espaço no esporte. O Trans United FC foi criado em dezembro de 2021. Compromissado com a inclusão e o respeito de pessoas trans no futebol, os treinos acontecem aos domingos na Vila Olímpica do Engenhão. Com menos de 2 anos de criação, o time é bicampeão da Cham-

pions, organizada pela Ligay Nacional de Futebol, e foram campeões do Torneio de Futebol do Instituto dos Meninos Bons de Bola.

“Hoje eu consigo lidar melhor com muitas questões machistas que ocorrem no dia a dia, tanto no trabalho quanto fora da Maré, até com familiares e em eventos. Eu me sinto mais confortável em falar sobre futebol, coisa que antigamente eu não conseguia. Antes de conhecer o Trans United, eu achava que era um espaço que eu nunca iria conseguir viver, nunca conseguiria fazer parte de um time de futebol ou até mesmo trocar ideia sobre esse assunto”, conta Bernardo.

Membro do time de futebol e cria da Maré, Bernardo passou a construir uma nova relação com a favela a partir da relação com os amigos que construiu por meio do futebol, passando a levar a galera para conhecer a Maré e a treinar na favela também, convidando outros homens trans, travestis e pessoas não binárias do território para conhecerem os jogos. Na luta contra o preconceito que vem também de alguns moradores, Bê conta que, junto do time, têm pensado as melhores estratégias para inclusão de crias trans no esporte.



Práticas esportivas são uma possibilidade de futuro e realização de sonhos

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL



# CORES MARÉS

Pensar histórias e narrativas e produzir matérias jornalísticas sobre pessoas lésbicas, gays, trans, queer, intersex, assexuadas, pan e não binárias de favelas e periferias só seria possível a partir dos olhares e repertórios de pessoas que vivem esse contexto. Esperamos que essas narrativas possam mobilizar leitores do Maré de Notícias, moradores da Maré e de outras favelas, para promoção e fortalecimento de direitos e políticas para a população LGBTQIA+ no território. Conheça quem fez parte da primeira edição do Cores Marés:



## GABRIEL HORSTH

Bixa, preta e favelada. Cria da Maré, ama carnaval, verão e praia. Aquariano e estudante de Jornalismo na Faculdade Integradas Hélio Alonso (FACHA). Comunicador social, ator e fã de Beyoncé – Unique! Integrante do Colegiado Gestor do Centro de Teatro do Oprimido. Idealizador do LAB, Laboratório LGBTQIAPN+. Foi diretor do Grupo Pantera e integrou, como ator, o Grupo Atiro.



## RAHZEL ALEC

Rahzel Alec, 26 anos, é um transmasculino preto, cria da Caixa d'Água, em Niterói, e há 10 anos atua como comunicador popular. Graduando em Relações Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2022 criou a Lábia – Escola Popular de Comunicação Antitransfóbica.



## JULIANA NERIS

Juliana Neris, 32 anos, mãe da Alice. Cria da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Jornalista favelada, comunicadora popular e fotógrafa documental formada pela Escola de Fotografia Popular Imagens do Povo. Atualmente integra a exposição coletiva *Dedicada a Você*, na Galeria 535 do Observatório de Favelas.



## VITOR FELIX

Vitor Felix, 28 anos, é educador popular, escritor, ilustrador, poeta e ativista pelos direitos da população LGBTQIAPN+. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atualmente cursa doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cresceu no complexo da Maré, onde também iniciou sua relação com o jornalismo comunitário.

## DATAS PARA NÃO ESQUECER

29 JAN	DIA NACIONAL DA VISIBILIDADE TRANS
31 MAR	DIA INTERNACIONAL DA VISIBILIDADE TRANS
17 MAI	DIA INTERNACIONAL DO COMBATE À HOMOFOBIA
28 JUN	DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBTQIAPN+
29 AGO	DIA NACIONAL DA VISIBILIDADE LÉSBICA
23 SET	DIA DA VISIBILIDADE BISSEXUAL
26 OUT	DIA DA VISIBILIDADE INTERSEXUAL
08 NOV	DIA DA SOLIDARIEDADE INTERSEXUAL
01 DEZ	DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA AIDS
08 DEZ	DIA DA PANSEXUALIDADE
10 DEZ	DIA DOS DIREITOS HUMANOS



Equipe Maré de Notícias e jornalistas do Cores Marés em um dos encontros formativos que compuseram o projeto, com a comunicadora Quitia Pinheiro.

## CURSO MARÉ DE BELEZAS

DE ASSISTENTE DE CABELEIREIRA, PARA MULHERES LBT:

**INSCRIÇÕES:**

08/01/2024 A 31/01/2024

**ENTREVISTA:**

05/02/2024 A 08/02/2024

**RESULTADO DAS SELECIONADAS:**

23/02/2024

**INÍCIO DAS AULAS:**

27/02/2024

**TÉRMINO:**

07/06/2024

**CASA DAS MULHERES DA MARÉ**

Rua da Paz, 42

Parque União – Maré

**TELEFONE:**

+55 (21) 3105-5569

LINK DISPONÍVEL NO SITE E REDES SOCIAIS DA REDES DA MARÉ E MARÉ DE NOTÍCIAS